

<b>Zeitschrift:</b>	Boissiera : mémoires de botanique systématique
<b>Herausgeber:</b>	Conservatoire et Jardin Botaniques de la Ville de Genève
<b>Band:</b>	68 (2015)
<b>Artikel:</b>	Peixes (Actinopterygii) da Reserva Biológica de Pedra Talhada
<b>Autor:</b>	Willig, Christian
<b>DOI:</b>	<a href="https://doi.org/10.5169/seals-1036094">https://doi.org/10.5169/seals-1036094</a>

### Nutzungsbedingungen

Die ETH-Bibliothek ist die Anbieterin der digitalisierten Zeitschriften auf E-Periodica. Sie besitzt keine Urheberrechte an den Zeitschriften und ist nicht verantwortlich für deren Inhalte. Die Rechte liegen in der Regel bei den Herausgebern beziehungsweise den externen Rechteinhabern. Das Veröffentlichen von Bildern in Print- und Online-Publikationen sowie auf Social Media-Kanälen oder Webseiten ist nur mit vorheriger Genehmigung der Rechteinhaber erlaubt. [Mehr erfahren](#)

### Conditions d'utilisation

L'ETH Library est le fournisseur des revues numérisées. Elle ne détient aucun droit d'auteur sur les revues et n'est pas responsable de leur contenu. En règle générale, les droits sont détenus par les éditeurs ou les détenteurs de droits externes. La reproduction d'images dans des publications imprimées ou en ligne ainsi que sur des canaux de médias sociaux ou des sites web n'est autorisée qu'avec l'accord préalable des détenteurs des droits. [En savoir plus](#)

### Terms of use

The ETH Library is the provider of the digitised journals. It does not own any copyrights to the journals and is not responsible for their content. The rights usually lie with the publishers or the external rights holders. Publishing images in print and online publications, as well as on social media channels or websites, is only permitted with the prior consent of the rights holders. [Find out more](#)

**Download PDF:** 13.01.2026

**ETH-Bibliothek Zürich, E-Periodica, <https://www.e-periodica.ch>**

6.7

# PEIXES (ACTINOPTERYGII)

DA RESERVA BIOLÓGICA DE PEDRA TALHADA

CHRISTIAN WILLIG

Willig, C. 2015. Peixes (Actinopterygii) da Reserva Biológica de Pedra Talhada. In: Studer, A., L. Nusbaumer & R. Spichiger (Eds.). Biodiversidade da Reserva Biológica de Pedra Talhada (Alagoas, Pernambuco - Brasil). *Boissiera* 68: 325-331.



326

*Parotocinclus cesarpintoi.*

A Reserva Biológica de Pedra Talhada (Reserva) possui diversos ambientes aquáticos, tanto lênticos quanto lóticos. Todavia, as características desses meios limitam a diversidade biológica e somente 11 espécies de peixes foram encontradas na área.

### **AMBIENTES LÊNTICOS (ÁGUAS PARADAS)**

A Reserva tem numerosos corpos d'água temporários, essencialmente nas zonas onde a rocha-mãe aflora, em particular na proximidade dos cimos. Tratam-se de depressões naturais onde se acumulam as águas de escorrimento. Na estação das chuvas, elas transformam-se rapidamente em vastos charcos apresentando um substrato em turfa ou areia (6.7.1) que, durante a estação seca, desaparecem progressivamente. Esses ambientes podem parecer inapropriados para o desenvolvimento de populações perenes de peixes. No entanto, certas espécies da família Rivulidae (Cyprinodontiformes), presentes na região, prosperam nesses ambientes temporários (COSTA, 1995). Esses pequenos peixes, em geral muito coloridos, têm um ciclo de vida adaptado a essas condições extremas. Pouco depois da chegada das primeiras chuvas, os ovos enterrados no substrato eclodem. Os alevinos dispõem de uma abundante quantidade de plâncton que prolifera paralelamente nesse meio e têm um crescimento rapidíssimo atingindo, em algumas semanas, a maturidade sexual. Assim que possível eles se apresentam então a por seus ovos no substrato antes de morrer, no seguimento da seca do charco. Os embriões enterrados se desenvolvem normalmente, mas não eclodem. Eles deverão suportar um longo período de estiagem até o retorno das chuvas que enfim virá provocar a sua eclosão (COSTA, 1995; STERBA, 1987). No entanto, as expedições realizadas até hoje nos brejos temporários da Reserva não revelaram espécies deste grupo.

Vale também ressaltar a existência de algumas represas artificiais realizadas no passado com a construção de barragens em certos riachos (6.7.2). O objetivo dessas obras era de criar reservatórios destinados a compensar a falta de água durante a estação seca, mas com frequência se observava uma valorização, com a introdução de peixes exóticos utilizados para a aquicultura, como a tilápia ou a carpa. Felizmente, as observações mostram que essas introduções não foram realmente praticadas ou bem fracassaram, já que o recenseamento feito nessas represas registram somente espécies também presentes nos cursos d'água que as alimentam.



6.7.1. Brejo temporário de Três Lagoas.



6.7.2. Barragem Maia.

327

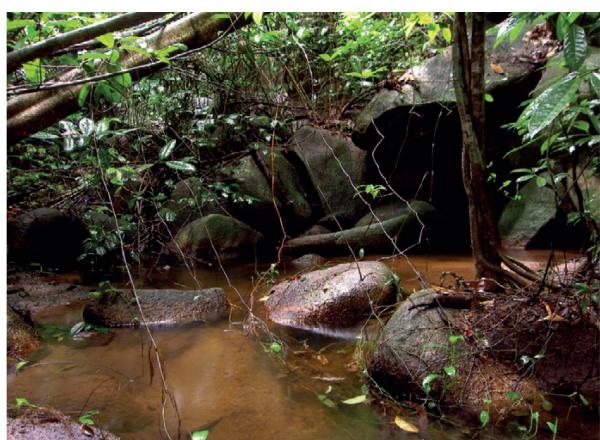
### **AMBIENTES LÓTICOS (ÁGUAS CORRENTES)**

Numerosos cursos d'água percorrem o maciço, mas eles não disponibilizam condições favoráveis para o estabelecimento de uma grande diversidade de peixes. Como efeito, uma vez que todos eles têm a sua nascente no seio da Reserva e percorrem no máximo alguns quilômetros antes de ultrapassar as suas fronteiras, os cursos d'água possuem valores de volume e vazão modestos. Além disso, seus perfis de forte declividade alternam obstáculos como corredeiras íngremes (6.7.3) e zonas de infiltração nos taludes (6.7.4) e seções pantanosos onde a água se perde na vegetação palustre. Vale também ressaltar as estiagens que às vezes podem ser severas, capazes de provocar secas localizadas e mesmo a

alteração das características físico-químicas da água. Finalmente, todos esses cursos d'água, com uma única exceção, são tributários da mesma bacia fluvial, a do rio Paraíba, o que reduz a probabilidade de observar espécies diferentes. O riacho Correntes, o único tributário da bacia do rio Mundaú, ainda não foi estudado, mas poderia abrigar peixes da Reserva ainda desconhecidos.



6.7.3. Três corredeiras do riacho Riachão.



6.7.4. Riacho Caçamba.

Apesar de tudo, 11 espécies foram recenseadas até hoje nos cursos d'água da Reserva (Inventário XXII). A nomenclatura segue FROESE & PAULY (2014) e ESCHMEYER (1998) e a ordem sistemática das famílias segue REIS et al. (2003).

## ORDEM CHARACIFORMES

A ordem dos Characiformes está representada por três espécies:

*Hoplias malabaricus*, da família dos Erythrinidae, é conhecida localmente pelo nome de traíra. Trata-se de um predador em geral noturno, que caça de tocaia. Ele pode atingir 50 cm de comprimento (STERBA, 1987). Na Reserva somente se encontram indivíduos de pequeno porte, medindo no máximo 10 cm, parecendo frequentar unicamente os locais mais calmos situados às margens da Reserva.

*Astyanax bimaculatus*, da família dos Characidae, é localmente chamado piaba, mas esse nome não é específico (6.75, todas as fotos deste capítulo são provenientes de indivíduos fotografados na Reserva de Pedra Talhada). Trata-se de um nadador diurno, com hábitos oportunistas, que pode ser observado em grupos, em todos os cursos d'água da Reserva, mesmo naqueles de altitude. Os maiores indivíduos já encontrados na Reserva não ultrapassam 12 cm de comprimento total.

*Characidium cf. bahiense*, da família dos Crenuchidae e mais precisamente da subfamília dos Characiinae, apresenta, como todas as espécies do gênero, um comportamento semelhante ao dos gobiídeos ou percídeos de Norte a América (darters).



6.7.5. *Astyanax bimaculatus* (piaba), riacho Riachão, lugar chamado Cafuringa.

Com efeito, como a sua bexiga natatória é atrofiada, ele passa a maior parte do tempo no fundo, onde ele se mantém só com a movimentação das nadadeiras peitorais. Como os gobies, ele se desloca brevemente, nadando durante curtos períodos. A sua preferência vai às águas calmas com substrato arenoso-lodosos na periferia da Reserva.

## ORDEM SILURIFORMES

A ordem dos Siluriformes está representada por quatro espécies:

*Callichthys callichthys*, da família dos Callichthyidae, frequenta os locais pantanosos, algumas vezes situados a montante de corredeiras, revelando assim a sua capacidade para ultrapassar os obstáculos. Essa espécie, noturna e onívora, mede cerca de 15 cm de comprimento e passa os dias escondida embaixo da vegetação fluvial ou em amontoados de resíduos vegetais.

*Aspidoras* sp., da mesma família que a espécie precedente, é diurna e mede não mais que 3 cm de comprimento (6.76). Essa espécie explora em pequenos grupos os fundos arenosos, pouco profundos, expostos a uma correnteza moderada. Essa espécie apresenta um comportamento errático: ela pode ser observada em abundância em um certo momento em um determinado lugar, desaparece completamente no dia seguinte e reaparece mais tarde. No entanto, ela parece ser incapaz de ultrapassar as corredeiras mais importantes.

*Parotocinclus cesarpintoi*, da família dos Loricariidae, mede menos de 5 cm de comprimento. A espécie foi descrita em 1939 a partir de indivíduos recolhidos por Cesar Pinto à Quebrangulo (RIBEIRO, 1939). Como todos os membros da sua família, essa espécie tem um perfil achatado dorso-ventralmente, uma bexiga natatória reduzida e uma boca ventral com lábios ásperos em forma de ventosa. Essas características permitem à espécie manter-se, sem esforço, presa aos rochedos, mesmo em zonas de correnteza forte sobre os quais ela se alimenta do tapete de algas e dos microorganismos. Esse comportamento originou o seu nome local de chupa-pedra, mas esse nome também é dado, por engano, ao *Aspidoras* sp. A espécie pode ser observada em todos os biótopos favoráveis da Reserva.

*Rhamdia quelen*, da família dos Heptapteridae, que a população local chama de bagre. Essa espécie é um predador noturno oportunista que se esconde

durante o dia em amontoados de folhas mortas, cascas de árvores ou ramagens imersas. Na Reserva, essa espécie pode ser observada nos locais florestados, calmos e congestionados com a presença de resíduos vegetais ou taludes rochosos. Teoricamente ela pode ultrapassar 35 cm de comprimento (STERBA, 1987), mas os indivíduos observados na Reserva são de pequeno porte, atingindo no máximo quinze centímetros. Uma explicação provável é que somente indivíduos juvenis frequentam o maciço.



6.7.6. *Aspidoras* sp. (chupa-pedra), riacho Caçamba.

329

## ORDEM GYMNOTIFORMES

A ordem dos Gymnotiformes conta com uma única espécie na Reserva:

*Gymnotus* sp., da família dos Gymnotidae, que frequenta zonas de correnteza moderada, essencialmente situadas nas partes inferiores dos cursos d'água. Todos os indivíduos observados mediam menos de 15 cm (6.77). Vale ressaltar que um indivíduo apresentando uma aparência diferente e medindo cerca de 40 cm foi capturado numa represa piscícola, situada na proximidade da Reserva. É possível que se trate de uma coloração típica de indivíduos adultos ou de um indivíduo de outra espécie.

Durante o dia, o *Gymnotus* sp. se esconde na vegetação ou em amontoados de resíduos vegetais e sai à noite, em busca de pequenas presas. Como todos os Gymnotiformes, ele emite sinais elétricos de baixa tensão que ele utiliza para comunicar com os seus congêneres, mas também com um objetivo de localização. Com efeito, o campo elétrico gerado pelo sinal elétrico ao redor do peixe é deformado pela presença de obstáculos (rochedos, galhos) ou

pelo movimento de outros animais (predadores ou presas). A análise dessas perturbações fornece ao *Gymnotus* sp. uma imagem tridimensional do seu ambiente circundante (MOLLER, 1995). Esse sentido elétrico, que para um ser humano é difícil de apreender, permite a esses animais evoluir e alimentar-se na mais completa escuridão e nas águas mais turvas.



6.7.7. *Gymnotus* sp., riacho Pedra Talhada.

## ORDEM CYPRINODONTIFORMES

Como já indicado acima, nenhum Cyprinodontiforme típico dos brejos temporários, foi observado nesse tipo de meio ambiente na Reserva. Todavia, nas águas correntes, essa ordem está representada por uma espécie:

*Poecilia cf. reticulata*, da família dos Poeciliidae, que os aquariófilos do mundo inteiro conhecem pelo nome de guaru (*guppys*). Esse minúsculo peixinho, com fêmeas medindo cerca de 35 mm e machos de 20 mm (6.7.8), pode ser observado em alguns locais calmos, a jusante das últimas corredeiras que ele parece ser incapaz de ultrapassar. Ele vive em pequenos grupos em zonas soalheiras e pouco profundas. Ao contrário dos indivíduos criados e selecionados em aquários, os machos não são muito coloridos.

É provável que a população observada na Reserva seja exótica (ROSA & GROTH, 2004). No passado, a introdução de guaru era frequente em todas as zonas onde grassavam doenças propagadas por mosquitos. Com efeito, esses peixes tinham a reputação, falsa, de erradicar as larvas aquáticas desses insetos (KOTTELAT & WHITTEN, 1996).



6.7.8. *Poecilia cf. reticulata* (guaru), riacho Correntes, lugar chamado Sítio João Ferreira.

## ORDEM PERCIFORMES

A ordem dos Perciformes está representada por duas espécies da família dos Cichlidae:

*Geophagus obscurus* que é comum nos locais calmos e profundos das zonas inferiores dos cursos d'água (6.7.9). Trata-se de um peixe diurno, onívoro, territorial, apresentando cores brilhantes e medindo cerca de 15 cm de comprimento. Como todos os Cichlidae, os genitores dessa espécie cuidam com muita atenção os seus ovos e alevinos (STERBA, 1987).

*Cichlasoma sanctifranciscense*, que não ultrapassa 12 cm de comprimento. A espécie, discreta e pouco colorida, foi observada uma única vez na Reserva, numa zona calma com fundo arenoso.



6.7.9. *Geophagus obscurus*, riacho Riachão, lugar chamado Cafuringa.

### **AGRADECIMENTOS**

Pelo valioso apoio como convededores da natureza, guias de campo e companheirismo: Felino Pedro Celestino, Manoel Nazario, Aventino Pinto da Silva e Luis Batista de Freitas, com uma menção particular para Felino cuja serenidade inabalável e conhecimento inextinguível da fauna e flora da floresta impõem respeito. Pelas valiosas contribuições fotográficas: Luis Batista de Freitas e Thomas Tscharner. Pela revisão cuidadoso do texto: Ricardo S. Rosa. Pela ajuda nas identificações das espécies deste capítulo: Jacques Géry (*in memoriam*), Sven O. Kullander, Isaac J. H. Insbrucker, Ricardo S. Rosa e Flavio C. T. Lima pela determinação, respectivamente, do *Astyanax bimaculatus*, do *Geophagus obscurus*, do *Parotocinclus cesarpintoi* e do *Characidium cf. bahiense*. Pela tradução a Ivana Zamboni. Pela concepção e realização gráfica a Nicolas Spitznagel. Pelos incentivos financeiros, viagens e hospedagens a Associação Nordesta Reflorestamento e Educação.

### **ENDEREÇO DO AUTOR**

CHRISTIAN WILLIG, 7, place de l'église, 54840 Villey le sec, France  
cwillig@laposte.net

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

COSTA, W. J. 1995. *Pearl Killifishes: The Cyprinodontinae: systematics and biogeography of the Neotropical annual fish subfamily (Cyprinodontiformes: Rivulidae)*. T. F. H. Publications.

ESCHMEYER, W. N. 1998. *Catalog of fishes, vols 1-3*. California Academy of Sciences, San Francisco.

FROESE, R. & D. PAULY. 2014. FishBase. World Wide Web electronic publication. <http://www.fishbase.org>, version (02/2014).

KOTTELAT, M. & T. WHITTEN. 1996. *Freshwater biodiversity in Ásia with special reference to fish* 343: 1-59. World Bank Publications.

MOLLER, P. 1995. *Electric fishes history and behavior*. Chapman & Hall, London.

REIS, R. E., S. O. KULLANDER & C. J. FERRARIS JR. 2003. *Check list of the freshwaterfishes of South and Central America*. EDIPUCRS, Porto Alegre.

RIBEIRO, P. M. 1939. Um novo *Paraotocinclus* do nordeste brasileiro. *Boletim Biológico, São Paulo (Nova Série)* 4: 364-366.

Rosa, R.S. & F. GROTH. 2004. Ictiofauna dos ecossistemas de Brejos de Altitude de Pernambuco e Paraíba. In: PORTO, K. C., J. J. P. CABRAL & M. TABARELLI. Brejos de Altitude em Pernambuco e Paraíba, História Natural, Ecologia e Conservação. Ministério do Meio Ambiente. *Biodiversidade* 9, Brasília: 201-210.

STERBA G. 1987. *Süßwasserfische der Welt*. Urania Verlag.

